



*Liga Independente das  
Escolas de Samba Virtuais*

# *Organograma Oficial*

*Carnaval Virtual 2016*

## **Parte 1: Da Estrutura Administrativa da Agremiação**

### **01. Nome Completo da Escola**

*Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Gaviões Imperiais*

### **02. Presidente Administrativo da Escola (Nome completo não abreviado e pseudônimo)**

*Leonardo Moreira Chaves ( Léo Moreira )*

### **03. Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Nomes completos e pseudônimos)**

*Sérgio Razera Junior*

### **04. Intérprete(s) da Escola (Nomes completos não abreviados e pseudônimos)**

*Leonardo Moreira Chaves ( Léo Moreira )*

### **05. Demais Membros Internos da Escola (Nome completo não abreviado, pseudônimo e respectivo cargo na escola, se houver)**

*Vice-Presidente: Matheus Araujo*

*Diretor de Carnaval: Matheus Araujo*

### **06. Pavilhão (Bandeira) da Escola**



## Parte 2: Do Enredo a ser Apresentado

### 07. Tema-Enredo (Título do enredo e sub-títulos, se houverem)

*“Do Semba ao Samba, Raiz dessa Gente Bamba”*

### 08. Autor(es) do Enredo

Sérgio Razera Júnior

### 09. Enredo (Direcionado aos julgadores)

#### **Do Semba ao Samba, Raiz dessa Gente Bamba**

Nos idos do século XVI, o Brasil, ainda um país colonial, recebeu em seu seio um grande contingente de negros escravizados oriundos de Angola e do Congo, povo de origem Banto que traziam em seu sangue a bravura, a garra e a força da Mãe África. No decorrer deste período, os principais ciclos econômicos brasileiros foram legados e estiveram nas mãos desses negros, como a cana-de-açúcar, o tabaco, o algodão e o café. Trouxeram em sua essência mais do que a valentia e a coragem, trouxeram os sons e os ritmos da terra mãe.

Em meio ao sofrimento e desalento do cativo, legaram a seus descendentes o batuque primitivo que sobrevivera ao cruzar o oceano e nas senzalas ganhou corpo e solidificou-se em meio a dor e ao sofrimento desses homens e mulheres que, arrancados de suas terras encontraram no ritmo da Mãe África uma maneira de amenizar a dor das perdas e da saudade. Nos terreiros dos engenhos e das fazendas nasciam novas manifestações rítmicas que aliadas a diversos tipos de dança que ainda hoje se fazem reconhecidas e reverenciadas em decorrência de suas origens.

Da África distante vieram as raízes do Jongo e do Lundu, este aliás, carrega em seu gene a mesma linhagem do Semba. Semba é uma palavra originária do kimbundo e significa umbigada, um dos estilos musicais de maior apelo popular entre os angolanos. Sua dança constitui-se em um entrechoque dos ventres do homem e da mulher, onde o cavalheiro segura sua dama pela cintura e puxa-a para si em um movimento de gíngua, sensualidade e malícia. Este estilo que fora trazido pelos africanos de origem angolana evoluiu e sobreviveu ao período da escravidão, chegando posteriormente aos quilombos espalhados por todo o país. Ritmo envolvente e de extrema cadência, foi proibido ainda nas fazendas, pois o mesmo era marginalizado, demonizado, considerado ameaçador por senhores do engenho e aristocratas do período colonial. Sua magia, aliada a arte da improvisação dava aos angolanos e congoleses o conforto e a lembrança de suas terras que ficaram para trás. Mais

um foco da resistência negra, o semba sobreviveu a toda forma de preconceito e seguiu juntamente aos negros fugindo do açoite rumo as matas e na segurança dos quilombos desenvolveu-se e ganhou relevância cultural.

Em meio ao crescimento do movimento, o jogo da capoeira foi um grande aliado do semba, que a essa altura já era samba. Nas rodas de batuque o negro cantava e dançava ao som de tambores e atabaques demonstrando toda sua malemolência. Tal demonstração de talento e virilidade tornou os capoeiristas um braço forte dos senhores de engenhos e nobres, que passaram a utilizar esses negros como leões-de-chácara e responsáveis por sua guarda pessoal e de suas fazendas. Com isso, alguns deixaram as senzalas e ingressaram a Casa Grande, alcançando assim maior prestígio entre seus senhores.

Com o advento da abolição da escravatura, os negros antes marginalizados foram inseridos ao cotidiano das cidades brasileiras com grande ênfase no Rio de Janeiro e na Bahia. Libertos, passaram a notabilizar-se na música com seus batuques e tambores e na dança com seu gingado e todo seu swing. Dessa forma, a juventude aristocrata acaba por se encantar com a prática da capoeira, levando inclusive alguns filhos de grandes homens da época a ingressar no jogo oriundo de Angola. Mais do que isso: apaixonados por nuances da cultura negra, alguns desses jovens chegaram a financiar as primeiras rodas de samba nas ruas de Salvador e da capital Fluminense. Dessa feita, o semba que virou samba começava a se popularizar e a ganhar espaço nas esferas mais altas da sociedade brasileira.

E nos anos que seguiram a abolição, um grande contingente de negros libertos vindos de todos os cantos do país aglutinou-se na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o que colaborou ainda mais com o processo de miscigenação e propagação da cultura africana.

No início do século XX, o Rio de Janeiro, então capital brasileira, foi submetida a um ousado projeto de reurbanização e implantação da rede de esgotos e saneamento básico aos moldes da grande reforma urbana promovida em Paris, em 1853. Com a demolição de vilas e cortiços, a população mais carente da cidade acabou migrando para as periferias e os morros que circundavam o centro da cidade.

A população negra reconhecidamente menos favorecida acabou por se concentrar no antigo Morro da Conceição, que ao ter sua população consideravelmente elevada com a chegada dos migrantes da Bahia, acabou por estender seu território chegando até a Cidade Nova, onde o grande número de habitantes de origem negra lhe rendeu o apelido de Pequena África.

Totalmente adaptados a esse ambiente e por fim, próximos de sua essência e de

suas tradições, o negro sambista dava início a uma nova era: a era da batucada, que reunia nas casas de negros influentes um grupo de amigos que se juntavam para tirar melodias de seus instrumentos e dançar as tradições vindas de sua terra mãe. Muitas vezes as rodas de samba ganhavam as ruas e perduravam até o raiar do dia. O samba do morro e o partido alto levam o ritmo a um novo patamar. Tal fato acabou por despertar a ira da polícia que chegava sentando o cacete nos sambistas e o banzeiro estava formado. O samba voltava a ser reprimido. O som do “surdo” silencia mas não se cala. Sente-se então a necessidade de expandir ainda mais a beleza e a nobreza do samba. As casas das tias baianas na Gamboa ficaram literalmente pequenas. Discriminado nos salões de festas, o samba vai de vez para as ruas. Ismael Silva, negro e sambista da mais alta patente cria então a primeira Escola de Samba, a “Deixa Falar”, mais que uma agremiação, um novo foco de resistência, um movimento cultural e social.

Voando nas asas da fantasia, o Gavião altaneiro cruza a linha do tempo e viaja rumo a uma época onde o samba era samba de verdade, onde o ritmo ancestral valorizava as lutas do negro africano arrancado do seio de suas pátrias para criar nesse imenso torrão o maior símbolo de um povo que tem em seu DNA a ginga do africano e toda a beleza dessa arte que ainda hoje encanta a todos e faz saltar ao peito o orgulho de ser expoente na propagação dessa tradição que a cada dia ganha novo fôlego e se perpetua na história de sua gente, na raiz de toda essa gente bamba.

**10. Sinopse (Direcionada aos compositores – deixar em branco se for o mesmo texto apresentado aos julgadores)**

-x-



### *Parte 3: Do Samba-Enredo a ser Apresentado*

#### **11. Autoria do Samba-Enredo**

Cecel Altaneiros, João Marcos, JMauro, Marco Maciel, Murilo Sousa, Ewerton Fintelman e Thiago Meiners

#### **12. Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito)**

**SAMBA QUEM SAMBA...QUE O SAMBA É A VOZ DO POVO  
SAMBA QUEM SAMBA...QUE O POVO NÃO VAI SE CALAR  
ESPALHANDO ALEGRIA, LÁ VEM GAVIÕES DE NOVO  
MEU PAVILHÃO VERMELHO E BRANCO VAI GIRAR**

Vindos de África distante  
Povo de Angola e do Congo, o sangue banto  
Trazendo no sangue a valentia  
E o gingado que entoa em seu canto  
Do cativo, o batuque ecoou  
No peito um lamento de saudade  
Nos engenhos e nas fazendas  
Ganhando voz na sociedade  
No jongo e Lundu, a voz que não vai se calar  
Sua linhagem a reverenciar

**É SEMBA... NA DANÇA DO CORPO, A ALMA SE AJEITA  
É SEMBA... NA FORÇA DA ALMA, CORAGEM É FEITA  
QUILOMBOS VÃO SURGIR PARA LUTAR  
O RITMO É FORTE E VAI TE EMBALAR**

Ê Capoeira  
O homem livre vai buscar felicidade  
Cultura negra  
Se expandindo e ganhando a cidade  
Pequena África de amores  
Tem samba até o raiar do dia  
"Deixa falar"... que vai surgir a alegria  
O surdo frouxo a tocar  
Marcando para sempre o nosso chão  
Raiz que jamais morrerá  
Ao desfilar a pura emoção

#### **13. Defesa do Samba (Se a escola julgar necessário)**

-X-

## **Parte 4: Do Desfile da Agremiação**

**14. Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver)**

32 Alas , 7 Carros Alegóricos, 3 Tripés , 1 Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

**15. Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas)**

Comissão de Frente: Raizes do Jongo e Lundú

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: 100 Anos de Samba

Ala 01: Povo Banto

Carro Abre-Alas: Angola

Ala 02: Sobás

Alas 03: Nobreza Africana

Ala 04: Realeza Africana

Ala 05: Dança de Umbigada

Tripé 1: Semba

Ala 06: Negros nas Lavouras

Ala 07: Batuques nas Fazendas

Ala 08: Quilombolas e Mucamas

Carro 02: Quilombo

Ala 09: Leões-de-Chácara

Ala 10: Negros Batuqueiros

Rainha de Bateria: O som do Coração

Ala 11 - Bateria: O som que vem de lá

Ala 12: Damas de Engenho

Ala 13: Vendedores

Ala 14: Carta de Alforria

Ala 15: Abolicionistas

Carro 04: Batuque: do Sagrado ao Profano

Ala 16: Capoeira

Ala 17: Rodas de Samba

Ala 18: Polícia

Tripé 2: Capoeira

Ala 19: Belle Époque

Ala 20: Boêmios

Ala 21: Maxixeiros

Carro 05: O Rio Civiliza-se

Ala 22: Almofadinhas e Melindrosas da Cinelândia

Ala 23: Cavaquinhos da Praça XI

Ala 24: Pequena África de Amores

Ala 25: Gafieira

Ala 26 - Baianas: Tributo a Tia Ciata

Carro 06: Pequena África

Ala 27: Pierrôs Enluarados

Ala 28: Arlequins Sedutores

Ala 29: Colombinas Sonhadoras

Tripé 3: Samba e Carnaval

Ala 30: Arengueiros

Ala 31: Vai Como Pode

Ala 32: Deixa Falar

Carro 07: Cordões, Ranchos e Blocos

Velha Guarda: Arautos do Samba

## *Descrição dos Elementos de Desfile* (em ordem de apresentação)

### **01: Comissão de Frente: Raizes do Jongo e Lundú**

Ritmo e Dança de origem banto que serviram de base para o que hoje se conhece como o samba. Da África, os povos vindos de Angola, trouxeram a base rítmica, uma certa malemolência e seu aspecto lascivo, evidenciado pela umbigada. Praticado como dança de roda e ao som de tambores, fora considerada uma expressão da religião ancestral africana, mantendo posteriormente, como um traço essencial de sua linguagem, a presença de símbolos que possuem função supostamente mágica ou sagrada.

### **02: 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: 100 Anos de Samba**

O Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira dos Gaviões Imperiais se apresenta defendendo com garra e altivez o Pavilhão oficial da Escola prestando uma singela homenagem ao centenário do samba comemorado neste ano de 2016. O Vermelho e Branco, cores oficiais da agremiação compõe a fantasia que faz alusão a própria Gaviões como uma legítima representante do gênero samba e legítima propagadora de sua arte.

### **03: Ala 01: Povo Banto**

Povo que habitou originalmente a região ao sul do Deserto do Saara. Sua etnia era formada basicamente por agricultores, que viviam também da pesca e da caça. Seus conhecimentos acerca da metalurgia lhes rendeu grande vantagem na conquista de povos vizinhos. Os bantos chegaram a constituir o Reino do Congo, que envolvia grande parte do noroeste do continente africano.

### **04: Carro Abre-Alas: Angola**

O carro abre-alas dos Gaviões Imperiais traz uma representação do berço do povo banto, Angola. De tradição banto, Angola foi um dos países que mais contribuíram para a formação do traço cultural brasileiro. As várias etnias que compunham a estrutura do povo angolano se misturaram nos navios negreiros a caminho do Brasil e, mesmo perdendo muito de sua individualidade no processo de escravização, traços fortes se mantiveram

até hoje, entre eles, as raízes que originaram o samba brasileiro. O Gavião, símbolo máximo da agremiação veste-se como um legítimo malandro carioca e em suas asas, nos transporta a essa magnífica viagem pelos 100 anos do Samba.

#### **05: Ala 02: Sobás**

Os Sobás na tradição angolana tem toma decisões, organiza eventos especiais, desempenha o papel de juiz e age de forma a prevenir o aparecimento de problemas externos a suas comunidades. As suas funções são a de fazer a ponte entre a comunidade e seus governantes. Tradicionalmente são os responsáveis pelo toque dos tambores nas solenidades e rituais místicos.

#### **06: Alas 03: Nobreza Africana**

Retrata os nobres africanos que representavam lideranças sociais, místicas e religiosas em suas comunidades e que durante o processo de escravização, foram retirados do seio de suas comunidades e trazidos ao Brasil como escravos. Considerados nobres, foram amontoados nos porões dos navios negreiros e posteriormente, jogados nas senzalas e obrigados a trabalhar nas lavouras e nas minas de ouro.

#### **07: Ala 04: Realeza Africana**

A ala faz alusão aos reis africanos que chegaram no período da escravidão no Brasil e despojado de seus títulos e posição hierárquica foram tratados como bens móveis por parte de senhores de engenho e coronéis. O mais famoso entre todos é o de Galanga, conhecido no Brasil como Chico Rei, que era o rei de uma tribo no Reino do Congo, trazido como escravo para o Brasil. Conseguiu comprar sua alforria e de outros conterrâneos com seu trabalho e tornou-se "rei" em Ouro Preto, Minas Gerais.

#### **08: Ala 05: Dança de Umbigada**

Umbigada é uma dança praticada nos quilombos, criada em meados do século XIX. Seu nome faz alusão ao fato dos escravos possuírem roupas curtas, logo os que dançavam estavam sempre de umbigo de fora. Organizados em duas fileiras, dispostas frente à frente, inicialmente bem separadas por até 10 metros, os dançadores de ambos os sexos evoluem em reverência, até um ligeiro contato físico dos quadris.

#### **09: Tripé 1: Semba**

Elemento alegórico que ilustra na primeira fase do enredo o ancestral direto

do nosso samba: o Semba. Semba é um dos estilos musicais angolanos mais populares. A palavra Semba significa umbigada em kimbundo.

#### **10: Ala 06: Negros nas Lavouras**

Os primeiros africanos vindos como escravos para o Brasil desembarcaram nos Recôncavo Baiano e foram levados diretamente aos Engenhos de Açúcar. A mão-de-obra escrava foi empregada em atividades que exigiam trabalho qualificado, tais como conserto de barris, tinhas, tanoeiros e outras atividades envolvendo a preparação do açúcar. Com o passar do tempo, fora utilizado também nas lavouras de algodão, tabaco e café.

#### **11: Ala 07: Batuques nas Fazendas**

“Amontoados” nas senzalas, os negros aliviavam as dores do trabalho nas lavouras rezando a seus orixás e dançando ao som dos tambores. Tal prática deu origem a propagação de ritmos africanos que vieram a se integrar a cultura brasileira, como o Jongo, o Lundu, as danças de umbigada e o n’golo.

#### **12: Ala 08: Quilombolas e Mucamas**

Quilombola é uma designação comum aos escravos refugiados em quilombos que fugiram dos engenhos de cana-de-açúcar, fazendas e pequenas propriedades onde executavam diversos trabalhos braçais para formar pequenos vilarejos chamados de quilombos. Já as Mucamas eram as escravas de boa aparência que eram escolhidas para auxiliar em serviços domésticos ou acompanhar pessoas da família, geralmente as sinhás.

#### **13: Carro 02: Quilombo**

Os quilombos eram aldeamentos de negros que fugiam dos latifúndios, passando a viver comunitariamente. O maior e mais duradouro foi o quilombo dos Palmares, surgido em 1630 em Alagoas, estendendo-se numa área de 27 mil quilômetros quadrados até Pernambuco. Desenvolveu-se através do artesanato e do cultivo do milho, feijão, mandioca, banana e cana-de-açúcar, além do comércio com aldeias vizinhas. Seu primeiro líder foi Ganga Zumba, substituído depois de morto por seu sobrinho Zumbi, que tornou-se a principal liderança da história de Palmares.

#### **14: Ala 09: Leões-de-Chácara**

Mesmo alforriados, alguns negros acabavam por não encontrar moradia ou mesmo trabalho. Alguns retornavam as fazendas onde outrora haviam sido escravizados e ofereciam seus préstimos como capatazes ou seguranças pessoais, o que acabara por despertar a ira de outros escravos que não

admitiam ver um “irmão” se vender àquele que o havia subjogado. Esses homens passaram então a ser conhecidos como os leões-de-chácara dos Senhores de Engenho.

#### **15: Ala 10: Negros Batuqueiros**

Os batuques promovidos nas senzalas começavam a ganhar as fazendas e Engenhos de Açúcar Brasil à fora. O som dos tambores despertava a curiosidade e ao mesmo tempo a ira dos implacáveis senhores de escravos. Em noites enluaradas, os negros se reuniam para louvar seus deuses e pedirem a proteção. Os “batuques” eram acompanhados de cantos e danças que quase sempre eram observados por seus senhores e capatazes que temiam aquelas manifestações tornarem-se atos de rebeldia.

#### **16: Rainha de Bateria: O som do Coração**

Toda a beleza e sensualidade do ritmo africano que ganhou vida em solo brasileiro.

#### **17: Ala 11- Bateria: O som que vem de lá**

A bateria dos Gaviões Imperiais vem trazendo o ritmo e a ginga do povo africano que trouxe para o Brasil toda a mística dos sons extraídos de tambores rudimentares. Toda a musicalidade originária da Mãe África fora item de fundamental importância para a formação da cultura musical do brasileiro, bem como, massificou-se como a base rítmica que acompanha suas principais manifestações folclóricas e culturais.

#### **18: Ala 12: Damas de Engenho**

Ala que remete a toda a elegância e sofisticação das esposas e filhas dos Senhores de Engenho, que vestiam-se com as melhores roupas da época e sempre empunhando delicadas sombrinhas, davam longos passeios pelas fazendas e pelas vilas que as circundavam.

#### **19: Carro 03: Casa Grande e Senzala**

A alegoria apresenta o contraste social vivido por negros escravos e pelas famílias daqueles que os mantinham em cativeiro. Na alegoria, a representação das moradas dos escravos nas fazendas muitas vezes construídas com madeiras, pedras e palha, em contraste com o luxuoso e exuberante casarão onde residiam seus senhores. Durante todo o período de escravidão no Brasil, muitos foram os negros que ganharam a confiança

de seus patrões e passaram a frequentar a Casa Grande como damas de companhia, cozinheiros, amas de leite, capatazes, entre tantas outras funções.

#### **20: Ala 13: Vendedores**

O figurino da ala faz referência aos negros vendedores que faziam parte do comércio popular de rua no século XVIII no Rio de Janeiro, em especial nas imediações da Praça XV. Muitos desses negros que traziam consigo tabuleiros com frutas tropicais, flores, cana-de-açúcar e aves de todas as espécies, foram retratados e imortalizados pela obra do pintor francês Jean-Baptiste Debret.

#### **21: Ala 14: Carta de Alforria**

Alforria é o ato pelo qual um proprietário de escravos liberta os seus próprios escravos. Esta libertação assume diferentes formas consoante o tempo e o local da sociedade escravagista. A carta de alforria era um documento através do qual o proprietário de um escravo rescindia dos seus direitos de propriedade sobre o mesmo. O escravo liberto por esse dispositivo era habitualmente chamado de negro forro.

#### **22: Ala 15: Abolicionistas**

O abolicionismo foi um movimento político que visou à abolição da escravatura e do comércio de escravos. Desenvolveu-se durante o iluminismo do século XVIII e tornou-se uma das formas mais representativas de ativismo político do século XIX. As pessoas chamadas abolicionistas, eram principalmente intelectuais que viviam nas grandes cidades.

#### **23: Carro 04: Batuque: do Sagrado ao Profano**

Ao som de tambores o negro celebra sua fé e a crença em seus guias espirituais e deuses dos panteão africano transformados na figura dos Orixás. O som que sobe aos céus e evoca seus santos através de oferendas e presentes, contrapõe-se ao lado erótico e sensual propiciado pela batidas dos tambores em volta da fogueira em uma noite de lua cheia. As várias faces da utilização dos tambores nos mais variados rituais é mostrada na alegoria por meio de um grande Ebó, com direito a animais levados a sacrifício dedicado aos orixás em oferenda feita em sua intenção. Velas e tambores circundam a imagem de uma grande Preta Velha ao centro do carro que vai através dos rituais transmitindo seus conhecimentos as novas gerações.

#### **24: Ala 16: Capoeira**

Legítima expressão da cultura brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular e música. Desenvolvida no Brasil principalmente por descendentes de escravos africanos, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando primariamente chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas, cotoveladas, acrobacias em solo ou aéreas.

#### **25: Ala 17: Rodas de Samba**

Manifestação muito comum nas cidades do Rio de Janeiro desde o início do século XIX, as rodas de samba costumam reunir um grande número de pessoas que cantam e dançam em torno de uma mesa, onde os músicos tocam os instrumentos e cantam. A participação é livre e não existe um número certo de pessoas para tocar. Seus participantes estão livres de qualquer responsabilidade de acertar. Tudo e todos da roda ou até mesmo os que se encontram de fora podem dar suas opiniões nas músicas a serem tocadas.

#### **26: Ala 18: Polícia**

O samba que ainda engatinhava no Brasil fora duramente combatido. Durante a década de 1900, quem fosse pego dançando ou cantando samba corria um grande risco de ir batucar atrás das grades. Isso porque o samba era ligado à cultura negra, que era malvista na época.

#### **27: Tripé 2: Capoeira**

O jogo da capoeira ganha as ruas do Rio de Janeiro e passa a contar com centenas de admiradores e praticantes.

#### **28: Ala 19: Belle Époque**

O Rio de Janeiro acompanhou entre os anos de 1872 a 1904, profundas mudanças sociais em sua paisagem urbana. Porém, em 1920, a população do Rio atingiu um marco de mais de um milhão de habitantes, o que pedia sérias mudanças estruturais na cidade. Inspirado nas reformas de Haussmann, o Prefeito Pereira Passos procedeu profunda reforma urbana na capital, visando o saneamento, o urbanismo e o embelezamento e conferir ao Rio ares de cidade moderna e cosmopolita.

#### **29: Ala 20: Boêmios**

A Boêmia, é a prática de um estilo de vida não convencional, muitas vezes

na companhia de pessoas afins, com poucos laços permanentes, envolvendo atividades musicais, artísticas ou literárias. Neste contexto, boêmios pode ser errantes, aventureiros, malandros ou os nossos bons e velhos vagabundos.

### **30: Ala 21: Maxixeiros**

O maxixe, é um tipo de dança de salão brasileira criada por afrodescendentes que esteve em moda entre o fim do século XIX e o início do Século XX. Teve a sua origem no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Foi criado pelos chorões, conjuntos instrumentais de choro e até a popularização do samba, o maxixe foi o gênero dançante mais importante do Rio de Janeiro.

### **31: Carro 05: O Rio Civiliza-se**

No começo do século XX, o Rio de Janeiro era a capital do país e vivia um período de transformações. A nova imagem do Rio era planejada por Pereira Passos, prefeito da cidade, que queria dar ao Brasil características mais modernas, fugindo da visão de atraso, de país escravocrata. O prefeito se inspirou em Paris para fazer as reformas urbanísticas no Rio, construindo praças, ampliando ruas e criando estruturas de saneamento básico. Entre as principais heranças da gestão Passos estão o Theatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional. A reforma Pereira Passos buscou adaptar a cidade também para os automóveis. É nesse período que o Rio de Janeiro vê a chegada da energia elétrica e a reorganização do espaço urbano carioca. O prefeito proibiu ainda a atuação de ambulantes.

### **32: Ala 22: Almofadinhas e Melindrosas da Cinelândia**

Charmosas, desafiadoras e ousadas, as melindrosas são estes seres fantásticos, mulheres que personificam muito bem o sentimento que nos transmite os anos 1920. Suas roupas, seus modos, suas modas, e conseqüentemente, os seus corpos modificaram-se, gerando polêmicas mas ao mesmo tempo girando ao contrário a cabeça dos almofadinhas nos incipientes centros urbanos época.

### **33: Ala 23: Cavaquinhos da Praça XI**

Local de acolhimento e o epicentro de um sistema complexo de relações,

que envolvia grupos de distintas religiões, condições financeiras, nacionalidades e etnias. Essa é a Praça XI. Mais carioca impossível. Ali nasceu o samba, que surge como produto de engajamento e entrosamento entre o carioca e este cenário de inspiração e integração. Pessoas que se frequentavam, se ouviam, se cruzavam nas ruas, nos mercados, nas saídas e entradas de terreiros, igrejas e sinagogas. Um local onde todos conviviam em perfeita harmonia embalados pelos acordes de um cavaquinho.

#### **34: Ala 24: Pequena África de Amores**

Pequena África é o nome dado por Heitor dos Prazeres a uma região do Rio de Janeiro compreendida pela zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente na Gamboa, onde se encontra a Comunidade Remanescentes dos Quilombos da Pedra do Sal e Santo Cristo.

#### **35: Ala 25: Gafieira**

O samba de gafieira é um estilo de dança de salão derivado do maxixe dançado no início do século XX. Um dos principais aspectos do samba de gafieira é a atitude do dançarino frente a sua parceira: malandragem, proteção, exposição a situações surpresa, elegância e ritmo. Na hora da dança, o homem conduz a sua dama, e nunca o contrário.

#### **36: Ala 26 (Baianas): Tributo a Tia Ciata**

Hilária Batista de Almeida, a nossa querida Tia Ciata, foi uma baiana quituteira que, no início do século XX, promovia festas religiosas e famosas rodas de partido-alto, que atraíam a vizinhança e moradores de outros bairros. Tia Ciata foi uma figura tão importante para a história do carnaval que os ranchos e cordões carnavalescos faziam questão de desfilarem em frente ao endereço da mãe de santo em sinal de reverência.

#### **37: Carro 06: Pequena África**

A alegoria faz uma reverência a figura de Tia Ciata e ao bairro da Gamboa de uma forma geral. A lembrança do local batizado por Heitor dos Prazeres de Pequena África é de fundamental importância para a história do samba, uma vez que o gênero nasceu de fato ali. A arquitetura da época bem como os personagens que o frequentavam integram o cenário da alegoria que traz em forma de escultora a “Ciata Mãe do Samba” rodeada de pandeiros. A lembrança aos cultos afros novamente se faz presente, lembrando a ligação da baiana com o candomblé.

#### **38: Ala 27: Pierrôs Enluarados**

Um dos símbolos da folia universal surge em meio a fase de afirmação do Carnaval brasileiro, trazendo todo o romantismo da época e a figura do simpático personagem apaixonado.

#### **39: Ala 28: Arlequins Sedutores**

Outro expoente do Carnaval dá as caras de forma irreverente e brincalhona para lembrar as origens dessa grande festa. Sempre astuto e sedutor, o arlequim se faz enamorado e vem para conquistas todos os corações daqueles que amam esse grande espetáculo.

#### **40: Ala 29: Colombinas Sonhadoras**

Delicada e sapeca, a Colombina convida a todos a brincar no Carnaval dos Gaviões Imperiais, que chega ao apogeu do samba enquanto ritmo fundamental que acompanha o desenvolvimento dessa grande festa popular.

#### **41: Tripé 3: Samba e Carnaval**

O samba, ontem semba ganha destaque em meio a maior manifestação da cultura popular brasileira. Sua derivação, as marchinhas, o samba canção e o maxixe embalam a alegria dos foliões nas ruas e nos salões.

#### **42: Ala 30: Arengueiros**

Fundado entre outros por Agenor de Oliveira (Cartola) e Carlos Cachça, em 1923, o Bloco dos Arengueiros serviu para o surgimento da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, cinco anos mais tarde. O bloco foi extinto com o surgimento da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

#### **43: Ala 31: Vai Como Pode**

Fundada oficialmente como um bloco carnavalesco, chamado Conjunto Oswaldo Cruz, em 11 de abril de 1923, no bairro de Oswaldo Cruz, o "Vai Como Pode" é o embrião da Escola de Samba Portela. É lembrado como um dos berços do samba carnavalesco e uma referência no assunto. Colaborou de maneira maciça com a consolidação do gênero.

#### **44: Ala 32: Deixa Falar**

A agremiação carnavalesca do bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, considerada por alguns pesquisadores do samba como apenas um bloco, foi de fato a primeira escola de samba. A Deixa Falar durou pouco tempo, fazendo "embaixadas" (visitas a outros redutos de samba como Mangueira, Oswaldo Cruz e Madureira) e desfilando na Praça Onze nos carnavais de 1929, 1930 e 1931, não chegando a participar do primeiro concurso oficial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, organizado em 1932 pelo jornal Mundo Sportivo.

#### **45: Carro 07: Cordões, Ranchos e Blocos**

Os cordões começam a participar do carnaval carioca só no final século XIX, por volta do ano de 1870, quando ainda predominava o entrudo, e desaparecem nos primeiros anos do século XX. Era comum no carnaval de rua na década de 1920 a presença dos mascarados, cantando e dançando, fantasiados de palhaços, reis, diabos e baianas, bem como os famosos blocos de sujos. Com o desaparecimento dos cordões, os foliões que não aderiram aos ranchos carnavalescos se uniam aos grupos mais simples, que não apresentavam as características cênicas, sem fantasias elaboradas e sem alegorias, que existiam paralelos aos cordões carnavalescos que eram os blocos. Nesse momento, o embrião do que viria a ser pouco tempo depois as Escolas de Samba estava sendo plantado. O Carnaval ganhava enfim, sua derradeira e mais duradoura manifestação.

#### **46: Velha Guarda: Arautos do Samba**

A Velha Guarda dos Gaviões Imperiais reverencia os ancestrais que trouxeram a cultura do batuque ao Brasil e se compromete a disseminar essa tradição para que assim se perpetue a arte do samba e do Carnaval brasileiro.

**47:**

**48:**

**49:**

**50:**



## Parte 5: Parte Especial para a Equipe de Transmissão

**16. Nome Completo da Escola**

**Grêmio Recreativo Escola de Samba Virtual Gaviões Imperiais**

**17. Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

**Leonardo Moreira**

**18. Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

**Sérgio Júnior**

**19. Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

**Leonardo Moreira**

**20. Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)**

**Vice-Presidente Matheus Araujo**

**21. Autores do Samba-Enredo da Escola**

**Cecel Altaneiros, João Marcos, JMauro, Marco Maciel, Murilo Sousa, Ewerton Fintelman e Thiago Meiners**

**22. Data de Fundação da Escola**

**25/10/2006**

**23. Cores da Escola**

**Vermelho e Branco**

**24. Símbolo da Escola**

**Gavião e Coroa**

**25. Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)**

*Fundada em 25/10/2006, a Gaviões Imperiais em seu primeiro ano na Liesv ficou em segundo lugar alcançando o Grupo de Acesso da liga. Contou com diversos nomes e profissionais do Carnaval Virtual e desde 2014 permanece no Grupo Especial da LIESV. Conta com seu Carnavalesco (que vai para o seu 4º ano na agremiação), para buscar o tão sonhado título no ano em que a Gaviões Imperiais completa 10 anos de existência.*

**26. Tema-Enredo (Título do enredo e sub-títulos, se houverem)**

*“Do Semba ao Samba, Raiz dessa Gente Bamba”*

**26. Autor(es) do Enredo**

**Sérgio Razera Júnior**

**27. Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)**

**28. Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver)**

*32 Alas , 7 Carros Alegóricos, 3 Tripés , 1 Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira*

**29. Organização dos elementos de desfile (De forma completa é opcional, a escola pode optar por colocar apenas os elementos que acha necessário que sejam descritos, com isso os demais terão apenas o tipo do elemento e o nome lidos pela equipe de transmissão). Colocar**

*o tipo do elemento, o nome do elemento e uma breve descrição de uma linha (sem contar o tipo e o nome do elemento) do elemento que deseja que seja descrito na transmissão. Utilizar Times New Roman 10 com espaçamento 1,5.*

#### **01: Comissão de Frente: Raizes do Jongo e Lundú**

Ritmo e Dança de origem banto que serviram de base para o que hoje se conhece como o samba. Da África, os povos vindos de Angola, trouxeram a base rítmica, uma certa malemolência e seu aspecto lascivo, evidenciado pela umbigada. Praticado como dança de roda e ao som de tambores, fora considerada uma expressão da religião ancestral africana, mantendo posteriormente, como um traço essencial de sua linguagem, a presença de símbolos que possuem função supostamente mágica ou sagrada.

#### **02: 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: 100 Anos de Samba**

O Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira dos Gaviões Imperiais se apresenta defendendo com garra e altivez o Pavilhão oficial da Escola prestando uma singela homenagem ao centenário do samba comemorado neste ano de 2016. O Vermelho e Branco, cores oficiais da agremiação compõe a fantasia que faz alusão a própria Gaviões como uma legítima representante do gênero samba e legítima propagadora de sua arte.

#### **03: Ala 01: Povo Banto**

Povo que habitou originalmente a região ao sul do Deserto do Saara. Sua etnia era formada basicamente por agricultores, que viviam também da pesca e da caça. Seus conhecimentos acerca da metalurgia lhes rendeu grande vantagem na conquista de povos vizinhos. Os bantos chegaram a constituir o Reino do Congo, que envolvia grande parte do noroeste do continente africano.

#### **04: Carro Abre-Alas: Angola**

O carro abre-alas dos Gaviões Imperiais traz uma representação do berço do povo banto, Angola. De tradição banto, Angola foi um dos países que mais contribuíram para a formação do traço cultural brasileiro. As várias etnias que compunham a estrutura do povo angolano se misturaram nos navios negreiros a caminho do Brasil e, mesmo perdendo muito de sua individualidade no processo de escravização, traços fortes se mantiveram até hoje, entre eles, as raízes que originaram o samba brasileiro. O Gavião, símbolo máximo da agremiação veste-se como um legítimo malandro carioca e em suas asas, nos transporta a essa magnífica viagem pelos 100 anos do Samba.

#### **05: Ala 02: Sobás**

Os Sobás na tradição angolana tem toma decisões, organiza eventos especiais, desempenha o papel de juiz e age de forma a prevenir o aparecimento de problemas externos a suas comunidades. As suas funções são a de fazer a ponte entre a comunidade e seus governantes. Tradicionalmente são os responsáveis pelo toque dos tambores nas solenidades e rituais místicos.

#### **06: Alas 03: Nobreza Africana**

Retrata os nobres africanos que representavam lideranças sociais, místicas e religiosas em suas comunidades e que durante o processo de escravização, foram retirados do seio de suas comunidades e trazidos ao Brasil como escravos. Considerados nobres, foram amontoados nos porões dos navios negreiros e posteriormente, jogados nas senzalas e obrigados a trabalhar nas lavouras e nas minas de ouro.

#### **07: Ala 04: Realeza Africana**

A ala faz alusão aos reis africanos que chegaram no período da escravidão no Brasil e despojado de seus títulos e posição hierárquica foram tratados como bens móveis por parte de senhores de engenho e coronéis. O mais famoso entre todos é o de Galanga, conhecido no Brasil como Chico Rei, que era o rei de uma tribo no Reino do Congo, trazido como escravo para o Brasil. Conseguiu comprar sua alforria e de outros conterrâneos com seu trabalho e tornou-se "rei" em Ouro Preto, Minas Gerais.

#### **08: Ala 05: Dança de Umbigada**

Umbigada é uma dança praticada nos quilombos, criada em meados do século XIX. Seu nome faz alusão ao fato dos escravos possuírem roupas curtas, logo os que dançavam estavam sempre de umbigo de fora. Organizados em duas fileiras, dispostas frente à frente, inicialmente bem separadas por até 10 metros, os dançadores de ambos os sexos evoluem em reverência, até um ligeiro contato físico dos quadris.

#### **09: Tripé 1: Semba**

Elemento alegórico que ilustra na primeira fase do enredo o ancestral direto do nosso samba: o Semba. Semba é um dos estilos musicais angolanos mais populares. A palavra Semba significa umbigada em kimbundo.

#### **10: Ala 06: Negros nas Lavouras**

Os primeiros africanos vindos como escravos para o Brasil desembarcaram nos Recôncavo Baiano e foram levados diretamente aos Engenhos de

Açúcar. A mão-de-obra escrava foi empregada em atividades que exigiam trabalho qualificado, tais como conserto de barris, tinhas, tanoeiros e outras atividades envolvendo a preparação do açúcar. Com o passar do tempo, fora utilizado também nas lavouras de algodão, tabaco e café.

#### **11: Ala 07: Batuques nas Fazendas**

“Amontoados” nas senzalas, os negros aliviavam as dores do trabalho nas lavouras rezando a seus orixás e dançando ao som dos tambores. Tal prática deu origem a propagação de ritmos africanos que vieram a se integrar a cultura brasileira, como o Jongo, o Lundu, as danças de umbigada e o n’golo.

#### **12: Ala 08: Quilombolas e Mucamas**

Quilombola é uma designação comum aos escravos refugiados em quilombos que fugiram dos engenhos de cana-de-açúcar, fazendas e pequenas propriedades onde executavam diversos trabalhos braçais para formar pequenos vilarejos chamados de quilombos. Já as Mucamas eram as escravas de boa aparência que eram escolhidas para auxiliar em serviços domésticos ou acompanhar pessoas da família, geralmente as sinhás.

#### **13: Carro 02: Quilombo**

Os quilombos eram aldeamentos de negros que fugiam dos latifúndios, passando a viver comunitariamente. O maior e mais duradouro foi o quilombo dos Palmares, surgido em 1630 em Alagoas, estendendo-se numa área de 27 mil quilômetros quadrados até Pernambuco. Desenvolveu-se através do artesanato e do cultivo do milho, feijão, mandioca, banana e cana-de-açúcar, além do comércio com aldeias vizinhas. Seu primeiro líder foi Ganga Zumba, substituído depois de morto por seu sobrinho Zumbi, que tornou-se a principal liderança da história de Palmares.

#### **14: Ala 09: Leões-de-Chácara**

Mesmo alforriados, alguns negros acabavam por não encontrar moradia ou mesmo trabalho. Alguns retornavam as fazendas onde outrora haviam sido escravizados e ofereciam seus préstimos como capatazes ou seguranças pessoais, o que acabara por despertar a ira de outros escravos que não admitiam ver um “irmão” se vender àquele que o havia subjugado. Esses homens passaram então a ser conhecidos como os leões-de-chácara dos Senhores de Engenho.

#### **15: Ala 10: Negros Batuqueiros**

Os batuques promovidos nas senzalas começavam a ganhar as fazendas e

Engenhos de Açúcar Brasil à fora. O som dos tambores despertava a curiosidade e ao mesmo tempo a ira dos implacáveis senhores de escravos. Em noites enluaradas, os negros se reuniam para louvar seus deuses e pedirem a proteção. Os “batuques” eram acompanhados de cantos e danças que quase sempre eram observados por seus senhores e capatazes que temiam aquelas manifestações tornarem-se atos de rebeldia.

#### **16: Rainha de Bateria: O som do Coração**

Toda a beleza e sensualidade do ritmo africano que ganhou vida em solo brasileiro.

#### **17: Ala 11- Bateria: O som que vem de lá**

A bateria dos Gaviões Imperiais vem trazendo o ritmo e a ginga do povo africano que trouxe para o Brasil toda a mística dos sons extraídos de tambores rudimentares. Toda a musicalidade originária da Mãe África fora item de fundamental importância para a formação da cultura musical do brasileiro, bem como, massificou-se como a base rítmica que acompanha suas principais manifestações folclóricas e culturais.

#### **18: Ala 12: Damas de Engenho**

Ala que remete a toda a elegância e sofisticação das esposas e filhas dos Senhores de Engenho, que vestiam-se com as melhores roupas da época e sempre empunhando delicadas sombrinhas, davam longos passeios pelas fazendas e pelas vilas que as circundavam.

#### **19: Carro 03: Casa Grande e Senzala**

A alegoria apresenta o contraste social vivido por negros escravos e pelas famílias daqueles que os mantinham em cativeiro. Na alegoria, a representação das moradas dos escravos nas fazendas muitas vezes construídas com madeiras, pedras e palha, em contraste com o luxuoso e exuberante casarão onde residiam seus senhores. Durante todo o período de escravidão no Brasil, muitos foram os negros que ganharam a confiança de seus patrões e passaram a frequentar a Casa Grande como damas de companhia, cozinheiros, amas de leite, capatazes, entre tantas outras funções.

#### **20: Ala 13: Vendedores**

O figurino da ala faz referência aos negros vendedores que faziam parte do comércio popular de rua no século XVIII no Rio de Janeiro, em especial nas imediações da Praça XV. Muitos desses negros que traziam consigo tabuleiros com frutas tropicais, flores, cana-de-açúcar e aves de todas as espécies, foram retratados e imortalizados pela obra do pintor francês Jean-Baptiste Debret.

#### **21: Ala 14: Carta de Alforria**

Alforria é o ato pelo qual um proprietário de escravos liberta os seus próprios escravos. Esta libertação assume diferentes formas consoante o tempo e o local da sociedade escravagista. A carta de alforria era um documento através do qual o proprietário de um escravo rescindia dos seus direitos de propriedade sobre o mesmo. O escravo libertado por esse dispositivo era habitualmente chamado de negro forro.

#### **22: Ala 15: Abolicionistas**

O abolicionismo foi um movimento político que visou à abolição da escravatura e do comércio de escravos. Desenvolveu-se durante o iluminismo do século XVIII e tornou-se uma das formas mais representativas de ativismo político do século XIX. As pessoas chamadas abolicionistas, eram principalmente intelectuais que viviam nas grandes cidades.

#### **23: Carro 04: Batuque: do Sagrado ao Profano**

Ao som de tambores o negro celebra sua fé e a crença em seus guias espirituais e deuses dos panteão africano transformados na figura dos Orixás. O som que sobe aos céus e evoca seus santos através de oferendas e presentes, contrapõe-se ao lado erótico e sensual propiciado pela batidas dos tambores em volta da fogueira em uma noite de lua cheia. As várias faces da utilização dos tambores nos mais variados rituais é mostrada na alegoria por meio de um grande Ebó, com direito a animais levados a sacrifício dedicado aos orixás em oferenda feita em sua intenção. Velas e tambores circundam a imagem de uma grande Preta Velha ao centro do carro que vai através dos rituais transmitindo seus conhecimentos as novas gerações.

#### **24: Ala 16: Capoeira**

Legítima expressão da cultura brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular e música. Desenvolvida no Brasil principalmente por descendentes de escravos africanos, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando primariamente chutes e rasteiras, além de cabeçadas, joelhadas, cotoveladas, acrobacias em solo ou aéreas.

#### **25: Ala 17: Rodas de Samba**

Manifestação muito comum nas cidades do Rio de Janeiro desde o início do século XIX, as rodas de samba costumam reunir um grande número de pessoas que cantam e dançam em torno de uma mesa, onde os músicos tocam os instrumentos e cantam. A participação é livre e não existe um número certo de pessoas para tocar. Seus participantes estão livres de qualquer responsabilidade de acertar. Tudo e todos da roda ou até mesmo os que se encontram de fora podem dar suas opiniões nas músicas a serem tocadas.

#### **26: Ala 18: Polícia**

O samba que ainda engatinhava no Brasil fora duramente combatido. Durante a década de 1900, quem fosse pego dançando ou cantando samba corria um grande risco de ir batucar atrás das grades. Isso porque o samba era ligado à cultura negra, que era malvista na época.

#### **27: Tripé 2: Capoeira**

O jogo da capoeira ganha as ruas do Rio de Janeiro e passa a contar com centenas de admiradores e praticantes.

#### **28: Ala 19: Belle Époque**

O Rio de Janeiro acompanhou entre os anos de 1872 a 1904, profundas mudanças sociais em sua paisagem urbana. Porém, em 1920, a população do Rio atingiu um marco de mais de um milhão de habitantes, o que pedia sérias mudanças estruturais na cidade. Inspirado nas reformas de Haussmann, o Prefeito Pereira Passos procedeu profunda reforma urbana na capital, visando o saneamento, o urbanismo e o embelezamento e conferir ao Rio ares de cidade moderna e cosmopolita.

#### **29: Ala 20: Boêmios**

A Boêmia, é a prática de um estilo de vida não convencional, muitas vezes na companhia de pessoas afins, com poucos laços permanentes, envolvendo atividades musicais, artísticas ou literárias. Neste contexto, boêmios pode ser errantes, aventureiros, malandros ou os nossos bons e velhos vagabundos.

#### **30: Ala 21: Maxixeiros**

O maxixe, é um tipo de dança de salão brasileira criada por afrodescendentes que esteve em moda entre o fim do século XIX e o início do Século XX. Teve a sua origem no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Foi criado pelos chorões, conjuntos instrumentais de choro e até a popularização do samba, o maxixe foi o gênero dançante mais importante do Rio de Janeiro.

### **31: Carro 05: O Rio Civiliza-se**

No começo do século XX, o Rio de Janeiro era a capital do país e vivia um período de transformações. A nova imagem do Rio era planejada por Pereira Passos, prefeito da cidade, que queria dar ao Brasil características mais modernas, fugindo da visão de atraso, de país escravocrata. O prefeito se inspirou em Paris para fazer as reformas urbanísticas no Rio, construindo praças, ampliando ruas e criando estruturas de saneamento básico. Entre as principais heranças da gestão Passos estão o Theatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional. A reforma Pereira Passos buscou adaptar a cidade também para os automóveis. É nesse período que o Rio de Janeiro vê a chegada da energia elétrica e a reorganização do espaço urbano carioca. O prefeito proibiu ainda a atuação de ambulantes.

### **32: Ala 22: Almofadinhas e Melindrosas da Cinelândia**

Charmosas, desafiadoras e ousadas, as melindrosas são estes seres fantásticos, mulheres que personificam muito bem o sentimento que nos transmite os anos 1920. Suas roupas, seus modos, suas modas, e conseqüentemente, os seus corpos modificaram-se, gerando polêmicas mas ao mesmo tempo girando ao contrário a cabeça dos almofadinhas nos incipientes centros urbanos época.

### **33: Ala 23: Cavaquinhos da Praça XI**

Local de acolhimento e o epicentro de um sistema complexo de relações, que envolvia grupos de distintas religiões, condições financeiras, nacionalidades e etnias. Essa é a Praça XI. Mais carioca impossível. Ali nasceu o samba, que surge como produto de engajamento e entrosamento entre o carioca e este cenário de inspiração e integração. Pessoas que se frequentavam, se ouviam, se cruzavam nas ruas, nos mercados, nas saídas e entradas de terreiros, igrejas e sinagogas. Um local onde todos conviviam

em perfeita harmonia embalados pelos acordes de um cavaquinho.

#### **34: Ala 24: Pequena África de Amores**

Pequena África é o nome dado por Heitor dos Prazeres a uma região do Rio de Janeiro compreendida pela zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente na Gamboa, onde se encontra a Comunidade Remanescentes dos Quilombos da Pedra do Sal e Santo Cristo.

#### **35: Ala 25: Gafieira**

O samba de gafieira é um estilo de dança de salão derivado do maxixe dançado no início do século XX. Um dos principais aspectos do samba de gafieira é a atitude do dançarino frente a sua parceira: malandragem, proteção, exposição a situações surpresa, elegância e ritmo. Na hora da dança, o homem conduz a sua dama, e nunca o contrário.

#### **36: Ala 26 (Baianas): Tributo a Tia Ciata**

Hilária Batista de Almeida, a nossa querida Tia Ciata, foi uma baiana quituteira que, no início do século XX, promovia festas religiosas e famosas rodas de partido-alto, que atraíam a vizinhança e moradores de outros bairros. Tia Ciata foi uma figura tão importante para a história do carnaval que os ranchos e cordões carnavalescos faziam questão de desfilar em frente ao endereço da mãe de santo em sinal de reverência.

#### **37: Carro 06: Pequena África**

A alegoria faz uma reverência a figura de Tia Ciata e ao bairro da Gamboa de uma forma geral. A lembrança do local batizado por Heitor dos Prazeres de Pequena África é de fundamental importância para a história do samba, uma vez que o gênero nasceu de fato ali. A arquitetura da época bem como os personagens que o frequentavam integram o cenário da alegoria que traz em forma de escultora a “Ciata Mãe do Samba” rodeada de pandeiros. A lembrança aos cultos afros novamente se faz presente, lembrando a ligação da baiana com o candomblé.

#### **38: Ala 27: Pierrôs Enluarados**

Um dos símbolos da folia universal surge em meio a fase de afirmação do Carnaval brasileiro, trazendo todo o romantismo da época e a figura do simpático personagem apaixonado.

#### **39: Ala 28: Arlequins Sedutores**

Outro expoente do Carnaval dá as caras de forma irreverente e brincalhona para lembrar as origens dessa grande festa. Sempre astuto e sedutor, o arlequim se faz enamorado e vem para conquistas todos os corações daqueles que amam esse grande espetáculo.

#### **40: Ala 29: Colombinas Sonhadoras**

Delicada e sapeca, a Colombina convida a todos a brincar no Carnaval dos Gaviões Imperiais, que chega ao apogeu do samba enquanto ritmo fundamental que acompanha o desenvolvimento dessa grande festa popular.

#### **41: Tripé 3: Samba e Carnaval**

O samba, ontem semba ganha destaque em meio a maior manifestação da cultura popular brasileira. Sua derivação, as marchinhas, o samba canção e o maxixe embalam a alegria dos foliões nas ruas e nos salões.

#### **42: Ala 30: Arengueiros**

Fundado entre outros por Agenor de Oliveira (Cartola) e Carlos Cachça, em 1923, o Bloco dos Arengueiros serviu para o surgimento da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, cinco anos mais tarde. O bloco foi extinto com o surgimento da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

#### **43: Ala 31: Vai Como Pode**

Fundada oficialmente como um bloco carnavalesco, chamado Conjunto Oswaldo Cruz, em 11 de abril de 1923, no bairro de Oswaldo Cruz, o "Vai Como Pode" é o embrião da Escola de Samba Portela. É lembrado como um dos berços do samba carnavalesco e uma referência no assunto. Colaborou de maneira maciça com a consolidação do gênero.

#### **44: Ala 32: Deixa Falar**

A agremiação carnavalesca do bairro do Estácio, no Rio de Janeiro, considerada por alguns pesquisadores do samba como apenas um bloco, foi de fato a primeira escola de samba. A Deixa Falar durou pouco tempo, fazendo "embaixadas" (visitas a outros redutos de samba como Mangueira, Oswaldo Cruz e Madureira) e desfilando na Praça Onze nos carnavais de 1929, 1930 e 1931, não chegando a participar do primeiro concurso oficial

das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, organizado em 1932 pelo jornal Mundo Sportivo.

#### **45: Carro 07: Cordões, Ranchos e Blocos**

Os cordões começam a participar do carnaval carioca só no final século XIX, por volta do ano de 1870, quando ainda predominava o entrudo, e desaparecem nos primeiros anos do século XX. Era comum no carnaval de rua na década de 1920 a presença dos mascarados, cantando e dançando, fantasiados de palhaços, reis, diabos e baianas, bem como os famosos blocos de sujos. Com o desaparecimento dos cordões, os foliões que não aderiram aos ranchos carnavalescos se uniam aos grupos mais simples, que não apresentavam as características cênicas, sem fantasias elaboradas e sem alegorias, que existiam paralelos aos cordões carnavalescos que eram os blocos. Nesse momento, o embrião do que viria a ser pouco tempo depois as Escolas de Samba estava sendo plantado. O Carnaval ganhava enfim, sua derradeira e mais duradoura manifestação.

#### **46: Velha Guarda: Arautos do Samba**

A Velha Guarda dos Gaviões Imperiais reverencia os ancestrais que trouxeram a cultura do batuque ao Brasil e se compromete a disseminar essa tradição para que assim se perpetue a arte do samba e do Carnaval brasileiro.

## *Parte 6: Das Considerações Finais*

**30. Considerações finais que a agremiação considere pertinentes (evite fazer pedidos ou declarações desnecessárias)**

*Logotipo do Enredo:*